

A Viagem |

Fotografia de Carine Brinkman

Uma exposição na Biblioteca Municipal Álvaro de Campos,
Tavira



Dream & hat

Finding a way

The more carefully you look at the stars, the more stars you see.

Is there a more beautiful place in the world to watch the solar system, the stars and constellations than at sea?

At the middle of the sea the night sky becomes pitch black. Suddenly the universe is more visible, alive and near.

The sky seems brighter, stars twinkle more intense, the moon is like a 'lamp' that guides on the journey in the night.

For seafarers and travellers essential to find the way, to determine where they are.

There is always a way to find the way.

Às vezes medito,

Às vezes medito,
Às vezes medito, e medito mais fundo, e ainda mais fundo
E todo o mistério das coisas aparece-me como um óleo à
superfície,
E todo o universo é um mar de caras de olhos fechados para
mim.
Cada coisa — um candeeiro de esquina, uma pedra, uma
árvore,
E um olhar que me fita de um abismo incompreensível,
E desfilam no meu coração os deuses todos, e as ideias dos
deuses.
Ah, haver coisas!
Ah, haver seres!
Ah, haver maneira de haver seres
De haver haver,
De haver como haver haver,
De haver...
Ah, o existir o fenómeno abstracto — existir,
Haver consciência e realidade,
O que quer que isto seja...
Como posso eu exprimir o horror que tudo isto me causa?
Como posso eu dizer como é isto para se sentir?
Qual é alma de haver ser?
Ah, o pavoroso mistério de existir a mais pequena coisa
Porque é o pavoroso mistério de haver qualquer coisa
Porque é o pavoroso mistério de haver...

29-4-1928

Álvaro de Campos – Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. – 82.



Veld

About Álvaro de Campos

[...] Álvaro de Campos was born in Tavira on October 15th 1890 at 1.30 pm.

He had a normal high school education; and was later sent to Scotland to study Engineering, first mechanical, then naval. A holiday trip to the East resulted in the Opiário.

In his letter, source for this text, to Casais Monteiro, dated Janeiro 13th 1935, Fernando Pessoa writes on the birth of heteronomy as Campos, 'when I felt a sudden impulse to write and didn't know what of», he then adds «suddenly and moving in opposite direction to Ricardo Reis, a different character impetuously emerged. In a flash, at the typewriter, free of interruption or revision, Alvaro Campos' "Triumphal Ode" was born — the Ode of this name and the man of the man he was'[...]

info: Casa Fernando Pessoa

<https://www.casafernandopessoa.pt/en/fernando-pessoa/work/alvaro-de-campos>

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”

Álvaro de Campos, Tabacaria e Outros Poemas

Viajou muito e toda a vida se sentiu partir

Com as malas feitas e tudo a bordo
E nada mais a esperar da terra que deixamos,
Já com os trajes moles característicos dos viajantes,
debruçados da amurada
Digamos adeus com um levantar da alegria ao que fica,
Adeus às afeições, e aos pensamentos domésticos, e às
lareiras, e aos irmãos,
E enquanto se abre o espaço entre o navio lento e o cais
Gozemos uma grande esperança indefinida e arrepiada,
Uma trémula sensação de futuro.

Eis-nos a caminho, e quase a meio do rio
Aumenta a nitidez deixada na terra
Dos alpendres e dos guindastes ou das mercadorias
descarregadas
E não é a nós, felizmente, que diz adeus aquela família
Aglomerada no extremo do cais, com um cuidado subjectivo e
visível
De não cair dentro de água no meio da emoção.

Olhemos para os companheiros de bordo. Como são diversos!
Uns vão em trânsito. Não é com eles nenhuma destas
despedidas.
Outros, com um ar palidamente sorridente de não querer
chorar,
Acenam com um gesto deselegante e pouco afoito com os
lenços
Para lenços que se acenam de outra gente que ficou no cais
No cais — ah reparem — subitamente tão mais longe do que
notámos.

A amargura alegre da ida,
O sabor especial a começo de viagem marítima, a mistura com
nossos sentidos
De cheiro das malas, de cheiro a navio, de cheiro a comida de
bordo,
E a nossa alma é um composto confuso de cheiros e sabores
E tudo é a viagem indefinida que faremos vista através do
paladar e do olfacto,
Tudo é a incerteza sensual da vida sentida pela espinha
abaixo...



E nós não deixamos ninguém...
Se deixássemos, ah os lenços que lindos!, o navio que se
afasta
Afastar-se-ia de mais do que da terra;
Afastava-se do nosso passado todo, de nós-mesmos, ficados
no cais e aqui a caminho,
Do sentimento doméstico com que beijamos a nossa mãe,
Da alegria com que às vezes, brincando, arreliamos as nossas
irmãs...

Partir! partir é viver excessivamente. O que é tudo senão partir...

Todos os dias do cais da nossa vida nos separamos, navios (...),

E vamos para o futuro como se fossemos para o Mistério,
Mas que sabemos nós para onde vamos, ó dor, e o que somos,

E que proteico e fluido Deus é tutelar das partidas?

Olha, de longe, já os guindastes ainda mexendo,

Olha as figuras no cais, negras figuras, manchadas de lenços
que se acenam,

Olha os casarões de zinco ondulado dos cais e docas, às portas
deles,

O sossego destacado e acostumado a isto dos empregados e
dos carregadores...

Vai tal angústia, tão inexplicável angústia na minha alma,
Que não sei como têm coragem, vendo que eu grito assim,
para estarem parados

No cais, tranquilamente os descarregadores e os guardas
fiscais!

Bebedeira da vida... ligeiro nervoso nas nossas sensações...

Perturbação alcoólica dos nossos sentidos íntimos...

A nossa alma sai um pouco para fora do seu lugar

E as rodas da nossa vida quotidiana começam a cambalear
como se fossem sair do eixo...

Pelo convés fora a gente que já está acostumada a estar aqui
a bordo

Está alheia a isto e interessada contudo

(Ah [enquanto eu atirar meu directo olhar, nunca?] olhar
tranquilo,

Fremem em mim os nervos vibrados de todos que vejo que sentem,
Correm-me dos olhos as lágrimas de todos que choram porque se separam,
Tenho nas mãos os gestos circulares de mãos saudosas já que acenam com lenços,
Sou todas as penas que toda esta gente tem de se ir embora...
Sou as esperanças que levam consigo e agora lhes fazem mais trémula a dor da partida,

Estou [...] por dentro deles todos, na roupa que compraram para a viagem,
Nos pequenos objectos que, na véspera («Lá me ia esquecendo» dizem, e era uma coisa inútil)
Compraram de noite numa loja feérica cheia de malas de couro e que ia fechar...
Ah, com todos os nervos de toda a gente, os meus nervos vibram...
E com os estremeções das máquinas do navio, e com o estrealajar da bandeira ao vento
E com o túmido tremor das enxárcias e com o ondular dos toldos
E toda a minha alma é uma dolorosa vibração física em ritmos de mim).

Vida cosmopolita atirada aos quatro ventos...
Vida de tanta gente real a bordo de tantos navios...
Embriaguez de lidar com outra gente e saber que eles existem e têm vidas passadas, preparadas, gozadas,
Sofridas, e tão curioso o traje, interessante a moral, de cada pessoa,

E tão cheio de enigmas e de metafísicas o modo como falam,
como riem, como arranjam o cabelo, como se entendem uns
com os outros...

Sensação metafísica das outras pessoas e das suas realidades,
e do seu décor...

Ó doença humanitária dos meus nervos vibrando cheios de
outras pessoas,

Volúpia de gozar e sofrer através de hipóteses dos outros...

E eu ser só eu, só eu eternamente, e não ter outras vidas
senão a minha!

Como se tocassem o fado de repente à meia-noite numa
aldeia na América do Norte,

Um fatalismo metafísico com os nervos de toda a gente vibra
em mim a cada momento

Quando reparo cosmopoliticamente nos outros, e ouço várias
línguas

E vejo nos gestos e nos trajes — que parecem idênticos mas
são tão diferentes — várias pátrias, vários costumes,

E entrevejo lares diversos, vidas comerciais complexas,
amores desconhecidos, mas de cidades que desconheço,

Tudo como num animatógrafo num teatro do tamanho do
Universo,

Onde se soubesse que acabava o mundo e saindo para fora,
Não há casa para onde se regressse, nem automóvel que nos

leve para um lugar qualquer,

Mas a Noite Absoluta, e Deus talvez como uma Lua Enorme
significando

IV

Profunda e religiosa solidão do indefinido Universo,
Vastidão enorme, nem larga nem alta nem comprida, mas só
espaço, o constelado espaço

Deste mistério azul-negro e estrelado onde a terra é uma
coisa

E as vidas aparecem como lanchas à superfície da água...

Raios de sol entrando pela janela entreaberta no quarto da
casa de campo,

Meios-dias nas eiras abandonadas,

Tardes noites para encontros em outras margens de rios,

Fazei do nosso conseguimento natural um sossego, uma capa

E descei sobre a minha alma...

Vós, ó campos repousados e incivilizados

Vós ó rios tranquilamente passando por uma inquietação,

Vós ó jardins públicos às tardes visitados

Vós ó tanques de quintas, vós ó lareiras em solares,

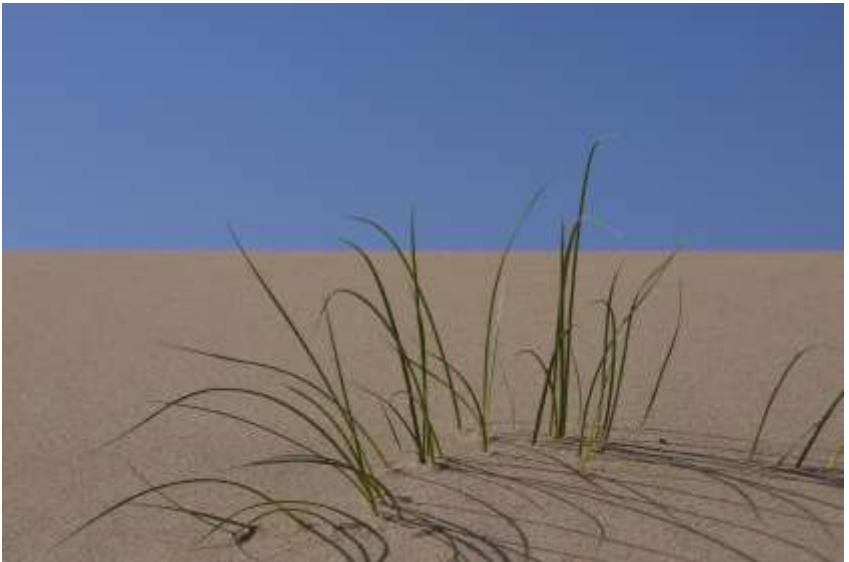
E disperso arfar de sedas pretas o silêncio da noite.

s.d.

Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica.
Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa:
Estampa, 1993. - 29.

The photographs on the wall move by a breeze, a walking movement, a small turn of the wind, a touch, A subtle reference to the sea, the wind and the waves.

The photographs are printed on ecological popeline cotton, a sustainable lightly woven fabric.



*After a long journey my soul came home
Thoughts, words, finding a way in wild seas
Campos as a compass
'A navegador do coração'
A circle is complete*

Era uma vez foi-me dado um livro. Era um livro de poemas traduzidos de Fernando Pessoa. Desde este primeiro ‘encontro’, a sua poesia tornou-se uma corrente na minha vida. Os seus poemas não são fáceis de ler. Mas eles tocam-me e ‘alcançam a minha alma’.

Como traduzir as palavras e pensamentos de alguém em imagens? Parece ser impossível e, claro está, revela ser sempre uma interpretação subjectiva do fotógrafo. Mas queria tentar capturar alguns de seus poemas em fotografia(s).

Poesia em imagens

Estas fotografias são a minha interpretação. As linhas mestras para fazer estas fotografias foram reflexão, silêncio, vazio (nada), beleza. E, acima de tudo, tentar ver as coisas como elas são. Nada mais e nada menos. Como Pessoa, reflectir sobre a questão “porque reconhecemos beleza às coisas, enquanto elas são só coisas”.

Poesia em movimento

O meu desejo é, com esta exposição, contribuir para trazer atenção sobre o trabalho de Fernando Pessoa, inflamar quem quer que leia a sua poesia de todas as maneiras possíveis.

Carine Brinkman

Info: www.carinebrinkman.nl

Acknowledgements

Biblioteca Municipal Álvaro de Campos
Adress : R. da Comunidade Lusíada 21,
8800-397 Tavira, Portugal
Telefone: 281 320 585/ 576 / Fax: 281 325 727
biblioteca@cm-tavira.pt

Fotografia & Poesia

A exposição proposta é de fotografia inspirada em poemas de Álvaro de Campos/Fernando Pessoa “Fotografia & Poesia”

Carine chegou a Portugal há algum tempo. Quando entrou em contato com a poesia de *Fernando Pessoa*, isso tornou-se um fio condutor para o seu trabalho. A poesia do autor levou-a a Lisboa, a cidade onde ele morava e trabalhava, e uma cidade pela qual ela se apaixonou. Portugal é como a sua "segunda casa" e, tanto quanto possível, viaja e trabalha entre Amesterdão e Lisboa. Ela fez duas exposições em Portugal: na Casa Fernando Pessoa, Lisboa e no Centro Portugues de Fotografia.

Além de fotógrafa, Carine trabalha em vários museus, é também freelancer na *Ludieke Werken*, que realiza programas culturais no espaço cultural, promovendo um novo olhar sobre o que nos rodeia. www.ludiekewerken.nl

A flor que és, não a que dás, eu quero.



I want the flower you are, not the one you give.

Expositions &

2019 Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, Tavira
7 october – 4 november.

2019 Sommarkurs 'Mönstra med farg/Playing with patterns'
at Capellagården, Oland, Sweden, by art teacher Linda
Zetterman. Learning to work with textile, fabrics, indigo,
natural dyes, cyanotype.

<https://www.capellagarden.se/>

2019 *Zomerexpo 2019*, group exposition, Museum de
Fundatie/Kasteel Het Nijenhuis, Zwolle
www.zomerexpo.nl

2018 *Open Oost*, co-creation exposition with 25 artists
www.openoost.org

2016 Photography exposition @ temporary artspace OOpen,
Amsterdam

2016 *Traces*, duo exposition with Orna Wertman in galerie
ARTTRA, Amsterdam

2015 Photography exposition in galerie Kruisweg 68, Haarlem

2015 *Flonkering* – photography presentation @ Open Ateliers
Oost, Amsterdam

2014/15 *Gathering courage*- artist in residency and
workshop, Museu Fundacao Arpad Szenes/ Vieira da Silva,
Lisboa

2013 *O mistério das cousas*- photography exposition in
Centro Português de Fotografia, Porto

2012 *O mistério das cousas* – photography exposition in Casa
Fernando Pessoa, Lisboa

2011 *Oogst* - photography exposition at Art Night Harvest
festival, island of Oland, Sweden

www.carinebrinkman.nl

*Thank you to my familie and friends for encouragement,
love and friendship.*



[..] O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...[..]

Liberdade, Poesias. Fernando Pessoa.

(Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)
Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).